

A Mesa da Palavra explicada
Pároco P. e Vasco Soeiro

Domingo XII do Tempo Comum – Ano A – 21.06.2026

1ª leitura – Jeremias 20, 10-13

Salmo – Salmo 68 (69)

2ª leitura – Romanos 5, 12-15

Evangelho – Mateus 10, 26-33

da fé condicionada à confiança da Fé

Hoje celebramos o XII Domingo do Tempo Comum e somos convidados aprofundar o tema da missão do cristão, que se realiza entre possibilidades e dificuldades, confiança e medo, complexos (no sentir ou agir) e desbloqueios.

O profeta Jeremias, homem simples, afetivo, pacífico, vive o drama pessoal da missão: o desprezo, a perseguição, o sentimento de abandono (cf. Jer 20,10-13).

São Paulo, na sua carta aos romanos, fala da experiência do pecado como «força negativa que domina a existência humana e que a condiciona» (GRANÉ, Jaume, in Missa Dominical MD2020/08, p. 43).

No evangelho de Mateus, ainda a escutar o capítulo décimo, intitulado de «discurso missionário», Jesus aponta à confiança como a força viva e vivificadora dos seus discípulos.

Concordo com Américo Pereira que afirma: «O maior inimigo do ser humano é o medo. Este é diabólico, divide o ser humano, que fica incapaz de ação, precisamente nos momentos e para os atos que mais necessitam de coragem. Tempos difíceis não devem ser tempos de medo, mas tempos de coragem, de esperança, de fé» (PEREIRA, Américo – *Medo e virtude*, in Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, consultado em 19-06-2026).

Segundo a Sagrada Escritura, ao tema do MEDO deve ser anexado o tema do PECADO, como escutamos na segunda leitura. Efetivamente, medo e pecada têm a mesma origem. Recordemos o acontecimento originante para humanidade:

«A mulher pensou então que devia ser bom comer do fruto daquela árvore, que era apetitoso e agradável à vista e útil para alcançar sabedoria. Apanhou-o, comeu e deu ao seu marido que comeu também. Nesse momento, abriram-se os olhos de ambos e deram-se conta de que andavam nus. Coseram então folhas de figueira, para com elas poderem cobrir a cintura. Nisto, ouviram que o Senhor Deus andava a passear no jardim, pela fresca da tarde, e o homem foi-se esconder com a sua mulher no meio das árvores do jardim. O Senhor Deus chamou pelo homem e perguntou: "Onde estás?" O homem respondeu: "Apercebi-me de que andavas no jardim; tive medo, por estar nu, e escondi-me." (Gen 3,6-10).

De certo modo, podemos dizer que o pecado conduz ao medo e que o medo induz ao pecado.

Todavia, como o nosso Bom Deus tem sempre a Palavra definitiva e transformadora, escutamos com confiança as palavras de Jesus: «Não tenhais medo». Esta expressão contém em si a força de uma promessa que se realiza naqueles – todo o cristão – que vivem os acontecimentos numa atitude de intensidade e providência divina.

Senti-me encostado entre a espada e a parede depois de ter lido e relido esta frase: «É difícil hoje ouvir falar de Deus, inclusive nas nossas conversações familiares» (GRANÉ, Jaume, in Missa Dominical MD2020/08, p. 42).

Caros irmãos e irmãs, é verdade que na atualidade a Igreja tem muitas propostas/dinâmicas que tentam colocar o crente a caminho da experiência de Deus; é verdade que temos muitas propostas sacramentais sem termos de nos deslocarmos centenas de quilómetros; é verdade que temos muitas publicações e programas a falar de Deus; mas também concordareis comigo que habitualmente não se torna tema de partilha familiar ou de amizade o falar de Deus.

O cristão que só vive do movimento «para dentro» corre o risco de ser uma pessoa muito instruída, diríamos, ao modo académico, «um catedrático», mas que não vive o testemunho de uma transformação interior profunda de sentido humano cristão.

Precisamos todos de deixar falar Deus na nossa vida para falarmos de Deus com a nossa vida.